

## Minifábrica de caju abre caminho para o pequeno crescer

O negócio ia falir, quando a Fundação Banco do Brasil e seus parceiros entraram com recursos e cursos de capacitação. Pronto: mais de 50 unidades como esta vão surgir, gerando trabalho e renda para os agricultores.

TEXTO: ROSANGELA GUERRA. FOTOS: IOLANDA HUZAK.

A fumaça branca que sai da chaminé não tem nada a ver com a eleição do novo papa. É sinal de que está a todo vapor a minifábrica de beneficiamento da castanha de caju da Associação Comunitária Construtores da Paz. “Dá muito orgulho na gente”, emociona-se o trabalhador rural Antônio Freire, enquanto quebra as cascas das castanhas. Tecnologia social desenvolvida pela Embrapa do Ceará, e replicada pela Fundação Banco do Brasil e vários parceiros, a minifábrica foi inaugurada em abril de 2003. Fica no Assentamento Zé Lourenço, em Chorozinho, a 64 quilômetros de Fortaleza, Ceará. Ali vivem 71 famílias, gente que já migrou para São Paulo, mas resolveu voltar à terra natal com esperança de dias melhores. O assentamento, com 1.915 hectares, tem solo arenoso e seco como o de uma praia ensolarada, do jeito como cajueiro gosta. As famílias moram em casas caiadas, com



cisterna para recolher água da chuva. Dividiram fraternalmente o cajual, com árvores imensas, algumas com 40 anos. No final da década de 1990, a produção começou a cair, denunciando a falta de poda e dos “tratos culturais”. Mas não era só isso.

“De outubro a dezembro a gente trabalhava na colheita e vendia a castanha *in natura* para atravessadores. O resto do ano era sem trabalho e sem renda”, lembra Reginaldo Sales, um dos primeiros líderes da comunidade. Junto com outros moradores, Reginaldo fez as contas e viu que valia a pena investir na minifábrica. Assim, poderiam agregar valor ao produto, além de gerar emprego na comunidade. Com dinheiro do próprio bolso, batalharam para comprar algumas máquinas. Em vão. Depois de quatro meses a minifábrica já não funcionava. Faltavam planejamento para estocar a castanha, financiamento e experiência.



CASA DO ASSENTAMENTO ZÉ LOURENÇO



ETAPAS DO PROCESSAMENTO: DESCASQUE DA CASTANHA, SECAGEM, LIMPEZA, SELEÇÃO E PESAGEM PARA A VENDA. 5.800 POSTOS DE TRABALHO EM CINCO ESTADOS.



ANTÔNIO E FAMÍLIA: ORGULHO.

O projeto ganhou vida nova quando a Fundação Banco do Brasil e seus parceiros injetaram recursos para equipar a minifábrica, investir na plantação de mudas e no trato dos cajueiros, e oferecer cursos de capacitação para que os trabalhadores aprendessem sobre cooperativismo. A idéia é que os pequenos produtores se tornem exportadores, escoando a produção para uma cooperativa, que negocie o produto no mercado interno e externo.

### Exemplo para o futuro

Hoje, a minifábrica tem capacidade para beneficiar 208 toneladas de castanhas por ano. A renda familiar só não atingiu a meta porque a safra do ano passado foi prejudicada por uma chuva fora de hora. Animados, os trabalhadores se alegram com a visita dos alunos da escola do assentamento e mostram as etapas do beneficiamento. As castanhas se transformam em *amêndoas* grandes e alvas, como americanos e europeus apreciam. “É bom que as crianças vejam o que estamos conseguindo. No futuro, são elas que vão tocar esse barco”, diz Cleonilson de Araújo, coordenador da minifábrica.



CRIANÇADA VISITA A MINIFÁBRICA.

### Festa para os olhos

Para viajantes europeus do século 16, os cajuais sem fim do litoral brasileiro eram uma visão do paraíso. Índios do interior guerreavam com os que viviam na costa pela posse temporária dos cajuais na época da frutificação. O nome vem do tupi *acaíu*: noz que se produz. Não demorou para que as naus portuguesas levassem mudas para Goa, na Índia, e para países africanos como Angola, Moçambique e Quênia. O caju conquistou o mundo.

## Sonho possível



MINIFÁBRICA DE CHOROZINHO: CONSTRUÇÃO DO SONHO DE SUSTENTABILIDADE DE 71 FAMÍLIAS.

Com produção anual de 200 mil toneladas, o Brasil é o terceiro maior exportador de castanhas de caju do mundo. Só ficamos atrás da Índia e do Vietnã. Mas o desperdício por aqui ainda é grande. Perdem-se 90% da polpa e um terço da castanha. Assim, caem por terra muitas possibilidades de superação da fome, de geração de emprego e renda. Afinado com os objetivos do Programa Fome Zero, o projeto das minifábricas foi desenhado pela Fundação Banco do Brasil em parceria com Embrapa, Sebrae, Banco do Brasil, Telemar e Conab, além de outros agentes locais. No Ceará, Bahia, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte estão sendo implantadas ou revitalizadas 50 unidades, assim como cinco centrais de seleção de castanhas. Outras dez unidades para produzir derivados da polpa serão instaladas. O investimento chega a 15 milhões de reais. O projeto aposta na organização dos agricultores e em seu potencial para construir juntos o sonho possível: a sustentabilidade de suas comunidades. A meta é gerar e manter 5.800 novos postos de trabalho e aumentar a renda mensal dos agricultores.



### VOCÊ SABIA...

...que aquilo que comumente se acredita ser a fruta – a parte carnosa da qual se extrai o suco – é apenas o pedúnculo, espécie de haste inchada que sustenta o verdadeiro fruto, a castanha?

### PERISCÓPIO

## Tecnologia Social dá Prêmio

A Fundação Banco do Brasil, em parceria com a Petrobras, deu a partida para a terceira edição do **Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social**. A iniciativa tem como objetivo identificar soluções de transformação social, que apresentem resultados comprovados e possam ser reaplicadas em escala. Até junho poderão ser inscritas tecnologias que tragam soluções nas áreas de educação,

saúde, energia, habitação, geração de renda, meio ambiente, alimentação, recursos hídricos e direitos da criança e adolescente. Oito prêmios, cada um no valor de 50 mil reais, serão entregues às entidades vencedoras. Podem participar instituições sem fins lucrativos – ongs, prefeituras, universidades, entre outras – e empresas. Inscrições até 30 de junho no sítio [www.fundacaobancodobrasil.org.br](http://www.fundacaobancodobrasil.org.br).